

# “O QUE É A LÍNGUA SE A PSICANÁLISE EXISTE?”<sup>1</sup>: UM RETORNO A SAUSSURE A PARTIR DE MILNER, GADET E PÊCHEUX

**Juliana Santana Cavallari**

PPGCL-Univás

**Paula Chiaretti**

PPGCL-Univás

**Resumo:** *O que resta inapreensível na obra de Saussure e que segue produzindo impasses, efeitos e deslocamentos teóricos? O que dessa experiência radical insiste em retornar e (não) se inscrever? Ao longo deste ensaio teórico, buscaremos percorrer e sustentar a hipótese de que o conceito de língua pode afetar a compreensão da Linguística estrutural retroativamente, pois permite um retorno ao Saussure do Curso de Linguística Geral de modo a compreender a língua não mais como um objeto estável, mas como algo que funciona a partir da lógica do não-todo. Para tanto, propusemos um retorno a Saussure, a partir das leituras de Milner, Gadet e Pêcheux para refletirmos sobre o trabalho do linguista que se inscreve nesse espaço de impossível (a impossível correspondência entre termos) que produz significação. É precisamente na/pela ciência que o não-todo se constitui naquilo que ela delimita, bordeia.*

**Abstract:** *What remains inapprehensible in Saussure's work that keeps on producing theoretical impasse, effects and displacement? What insists on returning and not being inscribed from this radical experience? Throughout this paper, we intend to pursue and support the hypothesis that the concept of language can affect the understanding of structural linguistics backwards, since it allows a return to Saussure's Course in General Linguistics in a way we can understand the language no longer as a stable object, but as something that functions based on a non-whole logic. In order to do so, we proposed a return to Saussure's thoughts, based on the reading of Milner, Gadet and Pêcheux to reflect upon the linguists' work which inscribes itself in this space of the impossible (the impossible correspondence between terms) that produces signification. It's*

*precisely in/through science that the non-whole constitutes itself in what it encloses and borders.*

## Introdução

*(...) vejo cada vez mais a imensidão de trabalho que seria necessário a fim de mostrar ao linguista o que ele faz... e, ao mesmo tempo, quanto é vão tudo o que, afinal de contas, se pode fazer em linguística... (Saussure em carta de 1894 a Meillet)*

Em carta de 1894 a Meillet (apud AGAMBEN, 2007, p.243), Saussure confessa o seu drama e seu aparente fracasso diante do trabalho que envolve os fatos de linguagem. Esse aparente fracasso de Saussure na construção de uma teoria que só se inaugura postumamente, por intermédio de dois de seus discípulos, Charles Bally e Albert Sécheyaye, também se deixa flagrar em algumas passagens da obra *Curso de Linguística Geral* (CGL), que influenciou fortemente os estudos linguísticos, desde a primeira metade do século XX. Na referida obra, encontramos a seguinte afirmação: “mas sendo a língua o que é, de qualquer lado que a abordemos, não lhe encontraremos nada de simples” (SAUSSURE, [1916] 1995, p.141).

Apesar de ser considerada uma ciência-piloto (DOSSE, 1993) nas Humanidades, a Linguística moderna deve sua fundação a um movimento que estabelece *a posteriori* uma autoria. Se Saussure nunca conseguiu delimitar com precisão o corte entre fala e língua, isso não se configurou como um obstáculo para a inauguração de uma Ciência Linguística, cujos fundamentos se encontram no *Curso de Linguística Geral* (CLG), de 1916. Estaria aí, portanto, o ponto inaugural da Linguística como Ciência.

Paradoxalmente, como nos aponta Agamben (2007), o obstáculo intelectual contra o qual Saussure havia ‘naufragado’ foi o disparador de uma série de resultados positivos, sobretudo se considerarmos o estabelecimento da Linguística com seu método e objeto próprios e bem definidos. Nas palavras de Agamben (idem, p.241):

O que a publicação do *Curso*, nas condições de 1915, revela de modo insofismável é precisamente esta experiência de uma

aporia radical, ao apresentar como uma série de resultados positivos aquilo que era, na realidade, o último obstáculo contra o qual Saussure havia naufragado ao final de uma viagem iniciada quase 15 anos antes [...].

Afinal, o que resta inapreensível na obra de Saussure e que segue produzindo impasses, efeitos e deslocamentos teóricos? O que dessa experiência radical insiste em retornar e (não) se inscrever?

Partindo do pressuposto de que o furo e a incompletude sempre estiveram presentes no pensamento de Saussure sobre a linguagem, desde antes do *CLG*, ao longo deste ensaio teórico, buscaremos percorrer e sustentar a seguinte hipótese: o conceito de língua<sup>2</sup> pode afetar a compreensão da Linguística estrutural retroativamente, pois permite um retorno ao Saussure do *Curso de Linguística Geral* de modo a compreender a língua não mais como um objeto estável, mas como algo que funciona a partir da lógica do não-todo. Parece-nos que o aparente "fracasso" (teórico) de Saussure, foi essencial para possibilitar outras construções teóricas. Para percorrermos essa hipótese, partiremos de alguns impasses presentes no *CLG*.

### **Alguns impasses de Saussure**

Para Saussure ([1916] 1997, p. 22), a língua como objeto passível de sistematização cuja existência depende de uma espécie de contrato social estabelecido entre os membros da comunidade seria um objeto a ser estudado separadamente de outros. Ao longo do *CLG*, no entanto, Saussure deixa rastros dos impasses que o estudo da língua como um objeto de natureza concreta pode suscitar. Ao definir a língua como um sistema de signos que exprimem ideias, Saussure ([1916] 1997, p. 25, grifos nossos) salienta que “o signo *escapa* sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o *seu caráter essencial*; é, porém, o que menos aparece à primeira vista”. Partindo da citação anterior, podemos afirmar que a língua, embora tenha sido o objeto privilegiado pela Linguística, não se apresenta tão consistente como se imaginaria. O que menos aparece, à primeira vista, e ao mesmo tempo, o que mais a caracterizaria seria justamente sua inconsistência. No entanto, o que se observa é que muitas vezes, esse objeto, língua, é tomado como um ponto de partida capaz de possibilitar uma organização e classificação, como podemos observar

em Saussure ([1916] 1997, p. 17): “a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito”.

Para delimitar o objeto da Linguística e propor uma definição de língua, Saussure ([1916] 1997, p. 15) parte do seguinte questionamento: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística? A questão é particularmente difícil: veremos mais tarde por quê.” Para ele, a dificuldade advém do fato de as ciências, de forma geral, trabalharem com objetos “dados previamente”, sem se darem conta do movimento inverso: de que “é o ponto de vista que cria o objeto”.

Podemos observar que Saussure jamais separou o aspecto individual da linguagem do social. Não há um corte preciso e decisivo entre língua e fala, tendo em vista a impossibilidade de conceber o lado individual da linguagem (a fala) sem o seu lado social (a língua). Existe, segundo ele, “interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta” (SAUSSURE [1916] 1997, p. 27). Apesar dessa interdependência que abarca, respectivamente, o domínio social e o domínio individual da linguagem, Saussure ([1916] 1997, p.16) salienta que, “se estudarmos a linguagem sob vários aspectos, ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si”. Daí a escolha de Saussure pela *língua*, que não se confundiria com a linguagem, mas que seria parte essencial dela. Tal escolha de objeto não atesta um desconhecimento da complexidade dos fenômenos que envolvem a linguagem humana, mas sim uma renúncia dos diferentes domínios que a constituem, de modo a possibilitar a construção de uma ciência cujo objeto (a língua) é passível de sistematização e de classificação.

Ora, quais são as condições da ciência? De modo geral, para que haja uma ciência é preciso que um conjunto de definições esteja presente: de domínio, de objeto, de conceitos, de axiomas. Para Milner ([1978] 2012), o que se nos apresenta são línguas e é justamente esse “conjunto de realidades” que poderia nos permitir supor uma regra que determinasse se tal realidade pertence ou não ao conjunto das línguas. Daí a necessidade de pensar em um “ser autônomo” (a língua) a partir do qual as línguas pudessem se reunir em um conjunto consistente. Como entender a língua (abstrata) como esse objeto que

poderia vir a definir um campo científico e, mais precisamente, delimitar um *conjunto de línguas*, se de partida podemos localizar uma língua absolutamente incomensurável às demais, a língua materna, que não pode juntar-se às outras fazendo a partir daí existir um conjunto consistente de línguas? (MILNER, [1978] 2012).

Diferentes passagens e discussões no *CLG* nos permitem observar que o furo, a inconsistência e a ausência já estavam presentes no pensamento de Saussure, embora tenha sido creditado a ele o nascimento de uma ciência positivista. Ao abordar a língua como pensamento organizado na matéria fônica, Saussure propõe a noção de valor linguístico que constitui um importante elemento da significação. Se, de acordo com o autor, “não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” esta não pode ser senão um sistema de valores puros (SAUSSURE [1916] 1997, p.130). “A linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens (das ideias e dos sons) se combinam; *esta combinação produz uma forma, não uma substância*” (idem, p. 131). Não há, pois, uma relação direta, natural e fixa entre o pensamento e a matéria fônica. Essa combinação, necessária para produzir significação, é uma *forma* possível de articulação “em que uma ideia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma ideia” (idem, p. 131) e não uma substância concreta, imutável e predeterminada. Tendo em vista que o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário, podemos afirmar que a língua é muito mais *ausência* de uma relação natural entre pensamento e som do que *presença* de um sistema concreto e predeterminado.

Saussure postula, ainda, que todos os valores parecem estar regidos por um princípio paradoxal: por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar; por coisas *semelhantes*, que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa (idem, p. 134). “Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia [...] seu valor, pois, depende do que está fora e em redor dele” (idem, p. 135). Saussure conclui que tudo na língua é relativo, arbitrário e diferencial, já que esta ou aquela significação não se fixa às palavras nem é inerente a elas, mas advém da relação diferencial e negativa existente entre os termos do sistema. Algo significa por semelhança e dessemelhança, ao positivar algo que os outros termos não são ou representam. Dito de outro modo, um

termo é o que o outro não é, pois seu valor se dá por oposição, na batida entre presença e ausência, semelhança e dessemelhança, seja no nível fonológico, morfológico ou sintático da língua.

Os impasses atrelados à noção de língua apontam para uma relação problemática com o empirismo. A esse respeito, no trabalho em que endereça algumas questões centrais à interlocução entre Linguística e Psicanálise, Milner (2009) aborda a *insuficiência empírica da linguística* e destaca que a linguística não pode apreender nada que marque a emergência contingente de um sujeito, pois coloca a questão da linguagem como perceptível, ainda que seja “sempre obrigada a concluir que a linguagem não é inteiramente perceptível” (MILNER, 2009, p. 184). A linguística aborda a linguagem de um ponto de vista empírico, recorrendo ao conceito de signo e de significação, sem levar em conta o significante que falta no outro e a positividade como efeito da diferença e da ausência. Para a teorização psicanalítica, diferentemente da Linguística estrutural, os dados de língua constituídos a partir da linguagem e das suas estruturas só interessam “na medida em que marcam a emergência de um sujeito –, porém a Linguística não pode apreender nada de uma tal emergência” (MILNER, 2009, p. 184).

Para além do estruturalismo e da positividade atribuída à Linguística como ciência piloto das Ciências Humanas, observamos que o furo sempre esteve presente no pensamento de Saussure, desde o *Curso de Linguística Geral*. Na mesma direção, Milner (2009, p. 186) afirma que “depois de Saussure é a diferença que funda as propriedades, e não há estatuto possível para a semelhança”. Para o referido autor (2009, p. 187) o termo significante, empregado por Lacan, vem de Saussure, mas não sem uma modificação profunda. “É, pois, significante aquilo que não tem existência e propriedades senão por oposição, relação e negação”. Trata-se de uma existência opositiva, relativa e negativa e que, portanto, não é passível de se tornar substância.

A consideração da *forma* em detrimento da *substância*, na compreensão da língua, seria aquilo que garantiria, por um lado, esquivar-se da série de acidentes presentes no campo da substância e, por outro lado, apoiar-se no campo das relações invariáveis que a forma permite. Observa-se, nessa divisão, uma outra cisão, aquela à qual diferentes correntes linguísticas recorrem: fala e língua. Isso

interessaria à Linguística justamente na medida em que a língua se sustenta na unicidade (idêntica a si mesma) e na distintividade (que apresenta diante de outras línguas).

Milner ([1978] 2012), no entanto, suspeita da formalização que recorre à separação (necessária à ciência) entre língua e fala, apoiando-se no *equivoco*. Isso porque, segundo o autor, o que observamos na experiência imediata é a possibilidade de que uma locução não seja idêntica a si mesma. Essa não-identidade consigo mesma da locução, por sua vez, é referida às diversas qualidades que sustentam o duplo sentido: homofonia, homossemia, homografia. Para Milner ([1978] 2012), o equívoco funciona de modo a refratar a univocidade.

## Língua, equívoco e poesia

*Maravilhemo-nos. Mas onde estaria a possibilidade do contrário? Onde estaria um só instante o ponto de irradiação positivo em toda a linguagem, dado que não há imagem vocal que responda mais do que outra ao que deve dizer?* (SAUSSURE, *Notes inédites*, 1954, *apud* AGAMBEN, 2007, p. 244)

Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 55), em *A língua inatingível*, retomam o real da língua como sendo “cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do *Witz* e das séries associativas que o desestratificam sem apagá-lo”. Assim como Milner ([1978] 2012), Gadet e Pêcheux ([1981] 2010) consideram o não-idêntico como aquilo que faz com que a língua seja pressuposta. A língua é o espaço em que o idêntico retorna de outras formas. A repetição do significante nesse “espaço” (a língua) funda o espaço repetível da língua, ao mesmo tempo em que funda o equívoco que afeta essa última. Isso faria com que “em toda língua um segmento possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 55). A língua não cessa de ser desestratificada pelo equívoco.

Vale pontuar algo importante aqui: à série de “acidentes” (homofonia, homonímia e homossemia) indicados por Milner ([1978] 2012), Pêcheux e Gadet ([1981] 2010) acrescentam não só as formações do inconsciente (lapsos e *Witz* [chiste]), mas também o

“bom relacionamento entre os efeitos discursivos”, elemento que marca uma compreensão dos autores sobre o modo como o real afeta o funcionamento da linguagem: há, aí, uma aproximação entre a questão do real da língua e a posição materialista em Linguística. Ou seja, de todos os ângulos que se a observa, a linguagem apresenta pontos incontornáveis de ruptura.

Tomando o signo, por exemplo, que analogamente ao símbolo, se caracteriza por ser constituído por uma dualidade, ele se distingue do último na medida em que a associação entre seus dois termos (significante e significado) não é, de forma alguma, natural. Para Gadet e Pêcheux ([1981] 2010), compreender a arbitrariedade do signo é compreender de que modo a linguagem é afetada pelo social. É precisamente as dimensões social e histórica que levam os autores a pensar no *real da história*, de maneira análoga e, ao mesmo tempo, contraditória à forma como Milner pensa sobre o *real da língua*. A partir daí, a proposta é trabalhar o real da história “como uma *contradição* da qual o impossível não seria foracluído” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 52, grifo nosso). Novamente, o impossível aparece como constitutivo daquilo que, em matéria de ciência ou disciplina, tenta-se cercar.

Com o foco então nas contradições, Gadet e Pêcheux ([1981] 2010) levam em consideração os efeitos paradoxais da obra de Saussure. O primeiro paradoxo se refere à origem da descoberta de Saussure: haveria algo de original em sua obra ou tratar-se-ia da formalização, por parte de Saussure, do que já havia sido dito por outros gramáticos anteriormente? Por outro lado, é possível reconhecer que existe em sua obra algo de fundamental (de ponto de origem) para diferentes escolas linguísticas, segundo as quais os linguistas se dividem. A própria divisão é um dos pontos de destaque e reiteração com relação à obra de Saussure: diversas dicotomias são continuamente invocadas para dizer de uma dicotomia (considerada “fácil” por Gadet e Pêcheux) entre um Saussure diurno e um outro noturno, do *CLG* e dos *Anagramas*. É como se, de certa maneira, a operação (de corte) que garante a homogeneidade de um campo fosse afiançada pela ignorância de tudo aquilo que aponta para o fato de que algo na língua (não) cessa de não se inscrever. Ao mesmo tempo, o modo como o *CLG* é publicado (por uma mediação de seus alunos) aponta para o reconhecimento, por parte de Saussure, de certa

insuficiência ou precariedade da estabilidade relativa ao seu objeto científico (ou mesmo à sua construção), a saber, a língua.

É nesse ponto que diferentes autores (MILNER, [1978] 2012; GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010) convocam a Psicanálise e a sua hipótese sobre o inconsciente na compreensão sobre a língua. A partir daí, torna-se possível rever o papel sintomático que a Psicanálise tem na construção do campo teórico da Linguística:

Se as apropriações que a psicanálise acreditou poder se autorizar com relação a certos conceitos linguísticos fazem a linguística correr o risco de desaparecer como tal com o avanço da primeira, essa ameaça tem, entretanto, a vantagem de constituir em retorno um sintoma para os linguistas: na verdade, eles não podem mais recusar a ideia de que sua ciência organiza sua autonomia em troca de um certo número de ignorâncias e recalques (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 20).

Buscando desenvolver essa discussão sobre a ciência linguística, poderíamos nos perguntar se, no saussurianismo, a série de oposições, que poderiam ser resumidas por uma oposição entre o sociologismo e o formalismo, pareceria retratar “uma nova forma de complementaridade filosófica confrontando a riqueza concreta da vida com os conceitos do direito”<sup>3</sup> (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 56).

Mais do que a tomada de uma posição, Gadet e Pêcheux ([1981] 2010) estão interessados em compreender justamente a relação entre esse diurno e esse noturno, entre os elementos que são colocados em relação dicotômica, ou seja, para eles, é a própria relação entre os termos opostos que faz irrupção na Linguística produzindo sentidos. Para entender essa irrupção, que está relacionada, por outro lado, a uma certa trava/obstrução na Linguística (que como vimos assume diferentes roupagens na obra de Saussure), os autores propõem que as duas faces sejam retomadas a partir do conceito de *valor*.

Para Benveniste (em *Natureza do signo linguístico*, de 1939), retomado por Gadet e Pêcheux ([1981] 2010), o primado do arbitrário só pode ser levado a cabo a partir do "ponto de vista de Sirius", que faz referência metafórica à estrela mais brilhante no céu e que pode

ser vista em qualquer ponto da terra. Tratar-se-ia, então, de um lugar privilegiado de verdade e legitimidade sobre o mundo e seus objetos. Um lugar que só poderia ser ocupado por alguém que se coloca fora do jogo em que as identidades são negociadas. Ora, como seria possível conceber esse elemento absolutamente exterior (e até mesmo transcendental)?

Descartando a possibilidade de que um sujeito (privilegiado) ocupe esse lugar a partir do qual poderia abordar as questões de maneira neutra, Benveniste propõe que é a *relação* entre significante e significado, que condiciona a vida em sociedade, que se configura como ponto de partida para a Linguística. No entanto, convocado o terceiro termo tratado por Saussure como a realidade (*substância*), seria possível perceber que, ao contrário de uma relação entre significante e significado, a arbitrariedade diria respeito à relação entre o signo e a realidade. Essa operação, no entanto, é entendida por Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 57) como “uma espécie de materialismo da realidade que deveria permanecer exterior à reflexão linguística”. Essa passagem da consideração das dicotomias para a consideração de um terceiro termo na construção teórica da Linguística nos leva a perceber que a própria Linguística (ou melhor, uma certa Linguística) se funda em uma *exclusão*.

Deslocando o foco da arbitrariedade na relação entre o signo e a realidade, para privilegiar a relativização dos valores uns *em relação* aos outros, Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 58, grifos nossos) formulam:

Saussure não é tão simples assim! Colocar o valor como peça essencial do edifício equivale conceber a língua como rede de “diferenças sem termo positivo”, o signo no jogo de seu funcionamento opositivo e diferencial e não na sua realidade; conceber o não dito, o efeito *in absentia* da associação, em seu primado teórico sobre a “presença” do dizer e do sintagma; o não dito é constituinte do dizer, porque o todo da língua só existe sob a forma não finita do não-tudo<sup>4</sup> efeito da alíngua; é pelo papel constitutivo da ausência que o pensamento saussuriano resiste às interpretações sistêmicas, funcionalistas, gestaltistas e fenomenológicas que, entretanto, elas não cessam

de provocar. *A revolução saussuriana provoca o esfacelamento da complementaridade.*

Ainda para esses autores, a questão ligada ao valor do signo só poderia ser entendida quando a tomamos a partir da relação entre *Os Anagramas* e o *CLG*. Isso porque o valor diz respeito à relação não do signo com a realidade, mas sim do signo com outro signo, do jogo metafórico e metonímico próprio da linguagem, cujo maior representante é a poesia (que não deve ser colocada à parte, como um “efeito especial”). A partir daí, podemos considerar que o que se escreve de maneira irremediável na obra de Saussure é o próprio deslizamento como uma propriedade da língua, propriedade essa levada às últimas consequências na poesia. Espaço de subversão, do negativo, do absurdo, a poesia, bem como o equívoco e o lapso, é coextensiva à língua (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 64). Isso leva Gadet e Pêcheux ([1981] 2010) a considerarem a necessária relação entre a ciência da linguagem e o inconsciente.

É isso que diferencia o que os autores chamam de uma “língua marciana”, asséptica e dócil à lógica clássica, de uma língua humana, línguas naturais “cujas marcas sintáticas nelas são essencialmente capazes de deslocamentos, de transgressões, de reorganizações” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 24). É isso que, em última instância, faz com que a língua seja capaz de *política*.

Da perspectiva psicanalítica, partindo do pressuposto de que a linguagem é metafórica por excelência, Lacan afirma que não há metalinguagem, propondo o seguinte questionamento que retoma a questão da não-identidade consigo mesma da língua:

Temos aí uma denotação extremamente problemática. De fato, se é verdade que o simbólico é aquilo que digo dele, ou seja, que está inteiramente inserido na fala, e que não há metalinguagem, a partir de onde podemos designar na linguagem um objeto sobre o qual seja certo ele não diferir dele mesmo? (LACAN, [1971 – 1972] 2012, p. 56).

Em sua elaboração teórica, Lacan se vale das funções da linguagem propostas por Jakobson, na obra *Linguística e Comunicação* ([1919] 2003), na qual a função poética se destaca

como função determinante. Segundo Jakobson (2003, p. 85), sem nos darmos conta, fazemos uso do recurso poético cotidianamente, quando dizemos, por exemplo, *Horrendo Henrique*, ao invés de *medonho* ou *feio*. O autor formula que “O estudo linguístico da função poética deve ultrapassar os limites da poesia” (p. 86), já que a função poética não se restringe à poesia. Lacan ([1971] 2009, p. 159) elabora que, ao tentar denominar algo, toda palavra, seja ela qual for, “nunca pode fazer outra coisa senão remeter a uma conotação”. O autor sugere, então, que não levemos a termo o que a Linguística nos indica, mas que possamos extrapolar, a fim de percebermos “que nada do que a linguagem nos permite fazer jamais passa de metáfora ou metonímia” (LACAN, [1971] 2009, p. 159). Também para a Psicanálise, a poesia é coextensiva à língua(gem). Assim, podemos inclusive nos perguntar se a língua não seria capaz de poesia graças à lalíngua.

Já expusemos, anteriormente, que a ‘ignorância’ estrutura a Linguística que, para se edificar como ciência, precisou ignorar o impossível: aquilo que não cessa de não se escrever. No entanto, a partir do equívoco, da poesia, dos lapsos, que indiciam a presença de um impossível, não seria possível pensar em um ponto no qual algo *cessa de não se escrever*? É justamente nesse espaço da contingência que Milner ([1978] 2012) localiza a poesia.

## O que fazer com o impossível da língua?

Com relação ao projeto de uma língua lógica e seu necessário apelo aos axiomas, Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 42, grifo nosso) escrevem que:

Fixar no início convenções arbitrárias necessárias aos símbolos e às regras, depois colocar a máquina para funcionar: assim materializar-se-ia um tribunal linguístico pronto para legitimar a validade das expressões. O *irrealizável* dessas convenções só faz reforçar o fantasma de uma língua universalmente apropriada a seu objeto, suscetível de garantir a unidade comunicacional do gênero humano.

Ainda que a Linguística ou, mais precisamente, uma dada maneira de transmitir e interpretar a Linguística estrutural fundamente-se no

princípio de identidade que permitiria aos seres falantes se comunicar, há algo de *irrealizável* que constantemente retorna de diferentes maneiras.

A ciência Linguística, fundada na ‘desconsideração’ do real como tal<sup>5</sup>, busca, de diferentes maneiras, apreender esse real, formalizando-o em uma estrutura conceitual. Dizemos *desconsideração*, entre aspas, porque é a partir da busca de uma formalização que se pauta ora na regularidade ora na exceção que a Linguística propõe que se trabalhe com a língua. As diferentes *teorias* apareceriam, então, como resposta à demanda por representação daquilo que escapa ao sujeito (o real). Esse real da língua, para Milner ([1978] 2012), se formaliza como o *repetível*, passível de uma escrita científica – notações, símbolos –, ou como *exceção*, onde se instala aquilo que é ou não língua.

Assim, diferentes modos de trabalho com a língua produzem diferentes modos de se aproximar desse impossível que a própria proposição do conceito de língua (por Saussure) sustenta ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, apaga. O incalculável (que surge como efeito da própria língua concebida como calculável ou classificável) é ora silenciado, ora apreendido imaginariamente.

Para Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 30, grifo nosso), “a questão do real da língua inscreve-se nessa *disjunção* maior entre adoção de uma ordem própria à língua, imanente à estrutura de seus efeitos, e a de uma ordem exterior, que remete a uma dominação a conservar, a restabelecer ou inverter”. Em nota de rodapé, os autores ([1981] 2010, p. 33) concluem que “a questão de um real da língua é [...] subjacente à da própria existência da linguística como pretensão científica”.

Pêcheux divide o que ele chama de a “loucura das palavras”, entre esses dois grupos: aqueles que estão ligados ao Direito e aqueles que estão ligados à Vida. Enquanto, de um lado, há aqueles que são “levados por essa deriva, ‘deixando errar seu fluxo no corpo pleno da linguagem’”, haveria outros que “decidem construir ‘seu império de ciência e de texto’” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 46). Ao contrário da aproximação comumente realizada entre esses dois campos (da lógica e da deriva) e os dois gêneros, feminino e masculino, imaginariamente opostos e complementares, Gadet e Pêcheux ([1981] 2010) não acreditam em uma conciliação possível. Retomam, para tratar desse impossível, a lógica da sexuação proposta por Lacan e para o qual “não há relação sexual”, ou seja, não há

complementariedade (mais especificamente, proporcionalidade) entre os dois sexos.

Assim como Lacan postula que a relação sexual não existe, para estabelecer a impossibilidade de correspondência e de proporcionalidade entre o todo e o não-todo (entre o homem e a mulher, respectivamente), a Língua (extraída do *CLG*, distinta da fala, como objeto que se pode estudar separadamente) não existe. Nesse sentido, a própria ‘Ciência’ linguística, cujo objeto *língua* (apartada da fala) lhe é imprescindível, se encontra ameaçada.

Em nota, Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 53, grifo nosso), descrevem o trabalho do gramático e do linguista como sendo o de:

[...] construir a rede desse real, de maneira que essa rede faça Um, não como efeito de decisões que viriam arbitrariamente rasgar essa unidade em fluxo, mas por um reconhecimento desse Um enquanto real, ou seja, como *causa* de si e da sua própria ordem. Fazer Linguística é supor que o real da língua é representável, que ele guarda em si o repetível, e que esse repetível forma uma rede que autoriza construção de regras.

A Linguística deveria, então, ser pensada como uma ciência que suportaria (em suas regras, em suas classificações e sistematizações) o real? Como isso seria possível? Para compreender de que modo o real aqui pode ser entendido enquanto Um, gostaríamos de destacar, da citação acima, o ponto em que os autores identificam o real à “causa de si de sua própria ordem”. A que ordem se referem os autores aqui? À ordem que supõe tudo aquilo que na experiência imediata é rechaçado: isotopia, identidade a si mesmo, comensurabilidade.

Na mesma direção, Miller (2013, p.19), em *Piezas Sueltas*, parece sustentar a ideia do real como *causa* da própria ordem da língua, ao definir a linguagem como elucubração de saber sobre *lalengue*, como suporte de *lalengue*, “uma vez que *lalengua* surge detrás del *lenguaje*, este es rebajado al estatus de uma elucubración de saber sobre *lalengua*, un elucubrado. El *lenguaje* es el sistema gramatical o lingüístico que construimos o inventamos *a partir de lalengua*” (grifo nosso). Quando argumenta que o lingüístico e o sistema gramatical são construídos ou inventados a partir de *lalíngua*, o autor defende

uma primazia de *lalangue* sobre a linguagem, uma vez que o furo, o (in)simbolizável, estariam na base da constituição da linguagem.

E como podemos entender essa “causa de si”? Localizar-se-ia aí o espectro da origem da língua? Tratar-se-ia daquilo que Pêcheux exaustivamente tentou afastar de sua teoria, qual seja, o ideal de uma língua mãe (fosse ela passível de ser construída ou resgatada)?

Se a Linguística se encontra abalada em seu estatuto de ciência, como entender, nesse contexto, o trabalho do linguista? Ele se inscreveria nesse espaço de impossível, que poderíamos descrever também como a impossível correspondência entre termos, de modo a produzir significação.

Por conta de todas as rupturas descritas, Agamben (2007, p. 219) coloca o campo de reflexão sobre a linguagem como sendo o campo “no qual se projeta a experiência da fratura original”. Fratura essa relacionada às próprias divisões que, incansavelmente e paradoxalmente, são colocadas em pauta pela Linguística, mas que vão além, na medida em que estão relacionadas aos impossíveis contemporâneos, a qualquer tentativa de delimitação de qualquer campo teórico. Outras delimitações e elaborações teóricas surgem, portanto, desta *fratura original* provocada pela Linguística estrutural e por sua escolha de objeto (a língua).

Um retorno ao Saussure do *CLG*, a partir das leituras de Milner, Gadet e Pêcheux, que, por sua vez, inauguram outros campos teóricos, nos permite voltar à epígrafe de Saussure, que abre este estudo, sobre o trabalho do linguista que é praticamente *impossível* de ser mostrado e transmitido enquanto *presença* ou a partir da lógica do todo, do idêntico a si mesmo. A partir dessa lógica positivista, o trabalho do linguista parece realmente fracassar e ser vão. Por outro lado, esse trabalho se mostra extremamente produtivo e singular, se compreendermos a língua não mais como um objeto estável, mas como algo que funciona a partir da lógica do não-todo. É precisamente na/pela ciência (lógica do todo, do Um) que o não-todo se constitui, naquilo que ela delimita, bordeia. O representável do não-todo, que não cessa de desfazer/deslocar as bordas e limites, se condensa nessa palavra (tão pouco cuidada em muitos momentos) “real” (da língua). Enquanto esse real for tomado dentro de um “complexo de representações relativamente a um *moi* [eu]” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 25), ele não assume seu estatuto. É preciso, nesse

sentido, rever seu papel para as Ciências da Linguagem – papel que aponta à ruptura, ao equívoco, à abertura de sentidos.

Retomando Milner ([1978] 2012, p. 28), “a língua é o que sustenta a língua na qualidade de não-toda”, o que, segundo o próprio autor, pode ser traduzido por “*a língua sustenta o real de a língua*” (*idem*) e isso só pode ser dito ou formulado, a partir do corte epistemológico inaugurado por Saussure.

Assim, a obra de Saussure, sobre a qual a Linguística como Ciência se edificou, segue produzindo impasses, efeitos e deslocamentos teóricos, sobretudo ser for retomada e discutida retroativamente, depois do surgimento de outros campos do saber como a Análise de Discurso e a Psicanálise cujas teorizações passam pela Linguística dita estrutural, ainda que seja para se distanciar dela e para propor um outro olhar sobre a língua, a partir do resto produzido pela Linguística. Algo dessa experiência radical com a língua, diante da tentativa de construção de uma ciência, insiste em retornar e (não) se inscrever, propiciando outras construções teóricas e deixando à mostra o impossível de ser tamponado: o furo que a língua e a ciência tentam bordear ou cercar e que sempre nos escapa, pois é estruturante e constitutivo de ambas.

### Referências bibliográficas

- AGAMBEN, G. (2007). *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- GADET, F. PÊCHEUX, M. [1981] (2010). *A língua inatingível*. Campinas: Editora RG.
- JAKOBSON, R. [1919] (2003). *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro BLIKSTEIN e José Paulo PAES. São Paulo: Editora Cultrix.
- LACAN, J. [1971] (2009). *O seminário livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Tradução de Vera RIBEIRO. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- \_\_\_\_\_. [1971 – 1972] (2012). *O seminário livro 19: ...ou pior*. Tradução de Vera RIBEIRO. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- MILLER, J-A. (2013). *Piezas sueltas: los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alan Miller*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós.
- MILNER, J-C. [1978] (2012). *O amor da língua*. Trad. Paulo Sérgio de Souza Júnior. Campinas: Editora da Unicamp.

\_\_\_\_\_. (2009). “Linguística e Psicanálise”. In: *Revistas de Estudos Lacanianos*. Belo Horizonte, v.2, n.4, Jul – Dez, p.177 – 192.  
SAUSSURE, F. [1916] (1997). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix.

**Palavras-chave:** Língua, Lalíngua, equívoco.

**Keywords:** Language, lalangue, equivocation.

## Notas

<sup>1</sup> Citação de Milner em *O amor da língua* ([1978] (2012), p. 25).

<sup>2</sup> Optamos pela tradução (do francês para o português) de “lalangue” como “lalíngua”, mas iremos manter, em citações diretas, a variação apresentada pelos diferentes autores e tradutores que consultamos.

<sup>3</sup> Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 38) apresentam a configuração da Linguística por meio de uma dualidade: do lado do Direito, colocam a ‘ditadura logicista’; enquanto que, do lado da Vida, ‘as múltiplas práticas fragmentárias’.

<sup>4</sup> No original em francês, *pas-tout*, que pode ser traduzido como não-todo.

<sup>5</sup> Impossível e contingente.